

O CORPO AFETADO E EFEITO DA POLÍTICA

Agustina Craviotto Corbellini¹ - Universidade Estadual de Campinas/Universidad de la República (Uy)

Resumo:

O presente trabalho é parte de um projeto de pesquisa que problematiza o corpo sexuado e a possibilidade de sua direção/governabilidade, nas tentativas de esclarecer suas relações, teóricas e políticas, com as noções de destino e liberdade, tal como abordadas pela psicanálise – com Freud, e depois, Lacan. Para o efeito, parte-se do pressuposto fundamental segundo a qual a vida do sujeito consiste sempre em fatos de linguagem. Este marco visa a examinar o lugar do afeto e suas implicações na política, a partir de uma afirmação inicial: não há política sem corpo e o corpo afetado é condição da política. Com isso pretende-se mostrar que o corpo é afetado e é efeito da política, e tentar-se-á pensá-lo na recusa da noção de indivíduo solidária às políticas liberais.

Palavras-chave: Corpo. Afeto. Significante. Política.

Abstract:

This text is part of a research project that problematizes the sexualized body and the possibility of its direction/governability, in attempts to clarify their relations, theoretical and political, with the notions of destiny and freedom as addressed by psychoanalysis with Freud and Lacan. It is part of the fundamental assumption that the life of the subject always consists of facts of language. In this framework, we examine the affection and its implications in politics, from an initial statement: There is no policy without body and the affected body is condition of the policy. With that, we want to show that the body is affected and is the effect of the policy, and we will try to think of it in refusing the notion of individual in solidarity with liberal policies.

Keywords: Body. Affection. Significant. Policy.

1. Prelúdios de uma relação entre corpo e política

Partimos da seguinte premissa: o corpo é afetado, mas é também efeito. Para elucidar essa duplicidade no corpo, de afeto e efeito, é preciso fazer uma advertência metodológica. Perante a uma via possível e bem conhecida no campo das ciências sociais e humanas, aquela dos estudos que indagam sobre os modos em que os dispositivos (governamentais, pedagógicos, médicos, etc.) intervêm sobre o corpo, tal como mostrara Michel Foucault (2002), privilegamos uma teoria materialista. Com isso queremos colocar o corpo não como objeto exterior possivelmente afetado pelos dispositivos, quando se compreende como mero objeto de intervenção, e sublinear, por isso a impossibilidade de pensar a política sem o corpo. Neste sentido, que aqui recusamos, a afirmação “política do corpo” supõe colocar uma relação de exterioridade, que é possível pensar a política sem o corpo; e da mesma forma, o corpo pode ser substituído sem que altere a política.

Partimos da afirmação de que o corpo é afetado, mas também é efeito da política só a razão de

¹ Doutoranda em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Brasil. Bolsista do Programa Estudante-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), Coordenação De Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (Capes/Brasil). Mestre em “Estudios Interdisciplinarios de la Subjetividad”, Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires. Atualmente é professora na Universidad de la República (Uruguai). E-mail: agustinacraviotto@gmail.com.

uma teoria materialista do corpo, a qual não pode prescindir de uma teoria do sujeito lacaniana². Isto pode responder uma pergunta: o que é o corpo se o Real existe? Este tema compromete uma discussão entre o materialismo histórico e o *materialisme* (LACAN, 2003), e coloca uma distância prudente com os materialismos entendidos como sensualismos ou empirismos, e coloca a primazia do significante. Há política porque há corpos falantes de seres falantes (MILNER, 2013). Desde esta leitura o corpo é a condição de possibilidade para que a política aconteça.

Se assistirmos a uma centralidade do corpo na política, tal como, por exemplo, pode encontrar-se nos movimentos feministas, anti-vacina e outros, diremos que não é exclusividade da política contemporânea senão que concerne à política, uma vez que esta se define em torno da palavra e do público. Ficamos na política uma vez que supomos que se trata do domínio da relação entre uns e outros, e esta acontece quando é materialmente possível e está legalmente permitido falar de política (MILNER, 2013, p. 9), trata-se do encontro de corpos falantes dos seres falantes.

De acordo com Freud e Lacan, a vida do sujeito consiste sempre de fatos de linguagem e portanto ele é submergido em uma relação de inadequação, que vem a assinalar o problema do sentido, como divisão e como conflito. Quando a política reconhece o corpo dos seres falantes, quando reconhece a incompletude ou a ‘não relação sexual’, a política se abre à contingência, atravessada pela incomensurabilidade própria de toda fala. Trata-se da relação sexualidade - política: há política porque há falta.

Se há política unicamente para os seres falantes, se a política é efeito do significante do corpo, a política dos organismos não é mais que gestão. Neste sentido, se o afeto do corpo se entende como efeito sobre o organismo, o que não é mais que a relação estímulo – resposta, ficamos no puro sensualismo e da paranoica possibilidade linear de planejar e conduzir os corpos. Daí uma primeira distinção fundamental entre corpo e organismo³. Se as particularidades anatômicas e fisiológicas são competência do organismo, o corpo aparece em cena enquanto é afetado pela inscrição significante. O que se pode dizer de um corpo vai além da descrição da biologia, uma vez que ela não é capaz de dizer sobre como o vivente se inscreve no universo simbólico. Dizer que a política é um assunto do *falaser*⁴ (LACAN, 2003), é reconhecer que não há possibilidade de falar sem corpo, mas se não falassem, não haveria necessidade de política. Em

² É aí um assunto fundamental que separa teórica e epistemologicamente a Foucault e Lacan. A esse respeito, ler o livro CRAVIOTTO–CORBELLINI, A; VENTURINI CORBELLINI, J. *Saber, placer, verdad. Michel Foucault y el psicoanálisis*. Montevideu: CSIC, 2020.

³ Sugiro ler RODRÍGUEZ GIMÉNEZ, R. *Saber do corpo: entre o político e a política*. 2016. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Disponível em: <<http://tede.ufsc.br/teses/PICH0160-T.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

⁴ Neologismo *parlêtre* criado por Lacan, para referir ao sujeito dividido pela ação da estrutura.

definitiva trata-se do efeito da multidão e suas dificuldades (MILNER, 2013).

2. O afeto entre a energia e o símbolo

Outra precisão é fundamental: esclarecer de que falamos quando nos referimos ao afeto. Se esta apresentação tem coerência epistemológica, é preciso desandar a via proposta por Lacan. Sendo uma consequência, mais que uma escolha, revisaremos o afeto a partir daquilo que incide no sujeito, o significante.

Antes de entrar no assunto, gostaria de fazer um parêntese para destacar um assunto fundamental para refletir sobre o afeto e que, de fato, constitui a base deste trabalho: trata-se de um procedimento de discernimento da complexa articulação entre o corpo e a linguagem que não resultou simples e definitivo para o criador da psicanálise. De fato, se podemos dizer que foi definido, é nos artigos metapsicológicos de 1915 e surpreendentemente não é retomado mais tarde, com acordo as reformulações profundas da teoria do aparelho psíquico. O afeto não apresenta explicitamente uma presença importante até alcançar uma notória ausência nos textos posteriores, nos quais a angústia torna-se o tema de seu interesse. Essa parada na teorização freudiana adquire um caráter heurístico fundamental uma vez que o afeto pode ser pensado, na maneira da Grécia antiga na dicotomia corpo/alma, é que Freud nomeava como pulsão, objeto ainda problemático em diversos campos de saber modernos e pelo fato de permitir interrogar o estatuto do modelo cartesiano com o limite do saber em sua ancoragem no corpo.

Freud (1991a) introduz o termo afeto desde cedo, derivado de *Affekt* do alemão e este do latim *affectus*, a partir da tradição filosófica alemã⁵ para designar um estado no eixo prazer - desprazer da pulsão. Especificamente na Comunicação preliminar, de 1893, na chamada pelo Freud de teoria da ab-reação, situa o sintoma histérico como resultado de uma carga de afeto represado. Assim, o sintoma se constitui na articulação da carga afetiva à lembrança do acontecimento vivido, que se isola das demais associações por não ter podido integrar-se a elas. Com o abandono do *Projeto para uma psicologia científica* Freud faz um corte na teoria, passando da energia ao símbolo, em acordo a uma nova proposta no texto *Interpretação dos sonhos*. No texto de 1900, o conteúdo representativo separa-se do estado afetivo estabelecendo-se uma não correspondência, e no qual os conteúdos representativos dos afetos permanecem inalterados. Quinze anos depois, e logo de escrever ‘Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade’ com sua primeira teoria pulsional, o afeto é para Freud um registro e uma dimensão em que se manifesta a pulsão (*Trieb*)– o outro registro é a representação (*Repräsentanz*). Dos estudos da histeria Freud

⁵ Encontra sua fonte em Herbart e Espinosa, ao reconhecer no afeto a dependência mecânica da representação.

deduz que o afeto e a representação não se encontram necessariamente ligados; tal separação (afeto/ representação) faz com que cada um siga um destino diferente⁶. Freud também vai designar o afeto como uma ressonância emocional de uma experiência intensa ou como a tradução subjetiva⁷ da energia pulsional.

Como diz Lacan (1986 [1954-55]) a *Interpretação dos sonhos* é o momento crucial em que Freud descobriu o funcionamento do símbolo, sua manifestação no estado dialético, semântico, em seus deslocamentos e os trocadilhos, os jogos de palavras, as brincadeiras. Neste percurso de Freud, a ideia de transformação parece alcançar um lugar desatacado no retorno feito por Lacan. Freud formula uma pergunta fundamental para o desenvolvimento da metapsicologia: é lícito falar de afeto inconsciente? No Capítulo III da *Metapsicologia*, Freud (1991c) responde finalmente que não. Os afetos não são recalçados, os que estão recalçados são os representantes da pulsão. Como argumenta Lacan (s/d [1962-63], p. 22) no *Seminário 10 A Angústia*, "nós o encontramos deslocado, louco, invertido, metabolizado, mas não recalçado". Há uma dimensão inconsciente perto do afeto na medida em que se liga a um significante derivado, que não é o inicial. Mesmo assim o afeto como tal é significado pelo sujeito; em sua relação com o inconsciente Lacan dirá que os afetos enganam, uma vez que estão reprimidos os significantes que o amarram.

3. O falaser é a política porque o Outro é o corpo

Lacan enumera nos *Escritos* (1998 [1966]) as expressividades de afeto no gesto, a mímica, o humor e o contato afetivo e faz uma distinção crucial entre o verbal e o pré-verbal. Para ele o pré-verbal, o que pode ser nomeado como 'a voz do corpo', já está organizado igualmente pela palavra. É comum pensar que é possível compreender a verdade do corpo que se expressa sem palavras, mas é pela relação entre significante e significado: "chora porque está triste ou emocionado". Podemos dizer que constituem sinais ou que a expressividade está codificada, mas pouco tem a ver com certa naturalidade do corpo, tanto que organismo. Diz Lacan (1998, p. 390) que não há palavra além da linguagem, isto nos lembra de uma ordem constituída por leis, diferentes de uma expressão natural ou dos códigos. Pela psicanálise e a leitura conhecida que Lacan faz de Saussure, falamos de linguagem no reconhecimento de uma diferença fundamental entre significado e significante, razão pela qual não é possível dizer que o afeto é a voz do corpo e sua verdade. Por um lado, nos leva a lembrar de que o que se pode entender como expressividade natural do corpo é duvidoso e engana ao retomar a incidência significante. Por outro, que o afeto

⁶As possibilidades de transformação do afeto são: 1. a conversão/histeria de conversão; 2. o deslocamento / obsessões), e 3. da transformação do afeto /neuroses de angústia, melancolia).

⁷Nomeia como *quantum de afeto* (*Affektbetrag*) ao aspeto propriamente económico.

é compressível e tem efeito de significado, e assim que como semblante se pode entender como *feito de verdade*, uma vez que para Freud e Lacan sua estrutura (da verdade) é de ficção.

Em Lacan o termo afeto é deslocado pelo termo paixão, apagando a dualidade freudiana. No Seminário ‘Os escritos técnicos de Freud’ [1953 – 1954], Lacan (1995) diz que as três paixões como formas de afetos são: o amor, o ódio e a indiferença. Neste momento, Lacan retoma a paixão do campo da Filosofia, como ‘paixões do ser’, e aqui tem o fundamental: as paixões são do ser porque são das relações com o Outro. Referir ao ‘ser’, para Lacan, não é possível sem ‘falta em ser’, a definição do sujeito em falta, a impossibilidade de completude, e por isso a necessidade de procurar no Outro. As paixões do ser são as paixões da falta e por isso da alienação ao Outro. Lacan (2001b) elaborará nos anos 70 o sujeito como *parlêtre/ falaser* e retomará o assunto das paixões em *Televisão* [1973- 1974] para dizer que há paixões de separação (paixões do *a*), em um momento em que Lacan pensara a articulação como o gozo.

Como esse breve trabalho, queremos abandonar a ideia de que o afeto trata unicamente⁸ das relações do Eu com o mundo, e elevar o registro do sujeito e o significante, o que diz a respeito de um sujeito afetado em suas relações com o *Outro* (A).

A referência ao *Outro* não refere ao exterior e, justamente, apaga uma suposta relação do sujeito que interage com um ‘fora–de–si’ e com outro como pessoa para colocar o sujeito determinado pelo significante primeiro inscrito no lugar do *Outro*, isto é, um lugar irrepresentável. A proposta de Lacan diz a respeito de um sujeito social pois é incompleto e marcado desde sempre por um desejo que não é seu, é do *Outro* ilocalizável, mas presente. É por isso que o social – não a sociedade – é “a busca de um ponto de apoio exatamente onde é sua ausência” (PLON, 2006, p. 25), imaginado e imaginário, mas que faz apelo a um reconhecimento de ordem política. As figuras do Outro como alteridade vai aparecer como representantes da minha história (mito familiar singular), a linguagem (que antecede ao sujeito) a morte e a diferença sexual (como o indiscernível). Elementos chave para voltar a pensar os afetos políticos.

Na sessão do 10 de maio de 1967 no seminário ‘A lógica do fantasma’, Lacan (2008, p. 350) diz: “inconsciente é a própria política”. Remete-nos a outros dois aforismos lacanianos, a saber, “o inconsciente é o discurso do Outro” (LACAN, 1998, p. 266) e “o inconsciente está estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1985, p. 27). Se pensarmos que para Lacan o inconsciente está estruturado como linguagem e seu deslocamento para a noção de *falaser*, dizer que “o inconsciente é a política” é dizer “o *falaser* é a política”. A linguagem é a política porque são os seres falantes em seu encontro e é por isso que a pergunta sobre os afetos políticos faz

⁸ Não é depreciável o que a fenomenologia tem desenvolvido sobre os afetos, posto que como fosse dito tem uma dimensão insuperável de significação.

sentido. Se considerarmos os afetos como propriedade do indivíduo, como sensações e reações orgânicas o assunto se depara solidário as políticas em que não há o reconhecimento do Outro e do laço social. O laço social diz que o sujeito não está sozinho, que não há solipsismo possível e, inclusive, que o Outro o precede⁹.

Mas o laço não é a sociedade, e dizer a somatória de indivíduos produto da estatística, não a UM da sociedade, mas que como ilusão que faz a ação de governar e educar um impossível. Pensar nos afetos políticos faz sentido quando se coloca em cena a dimensão transindividual do inconsciente, no qual tem lugar não a biologia senão a história. O *falaser* é a política porque o *Outro* é o corpo,

en última instancia y si ustedes todavía no lo han adivinado, el Otro, tal como allí está escrito, ¡es el cuerpo! [...] Que el cuerpo está hecho para inscribir algo que llamamos la marca (...) El cuerpo está hecho para ser marcado. Siempre se lo ha hecho (LACAN apud LAURENT, 2015, s/p).

Trata-se do significante marcando o corpo que pode colocar entre parêntese a moral liberal que não concebe mais que uma soma de decisões individuais, sem dimensão comum. Não o corpo individual, ele é efeito e testemunha de um discurso inscrito. E assim que se pode falar, por exemplo, da produção de *circuito de afetos* (SAFATLE, 2016) enquanto sistemas de produção material de formas hegemônicas de vida produzem adesão ao produzir afetos. Um circuito que é impessoal, imagens que representam o que interfere em nossa história e que vem de um movimento de desejo que não é meu, mas que me envolve por completo. Dito de outra forma: os regimes de adesão sustentam a coesão social e eles não são ‘deliberações racionais’.

Considerações finais

Tentamos colocar alguns elementos do percurso de Freud, e logo Lacan, para discutir, por um lado, as dificuldades de considerar o afeto como sua representação, efeito, sinal e sua relação com o corpo, além de uma estrutura, para logo, por outro lado, poder pensar a ideia de afeto político. Neste sentido, o afeto concebe-se a partir das relações do sujeito, sempre na linguagem, com o *Outro*.

Para isso é fundamental a possibilidade de pensar o afeto, na recusa da noção de indivíduo – com seus fundamentos sensualistas e empiristas- solidária às políticas liberais, sejam elas de esquerda ou direita, pensemos nas reivindicações de direito sobre corpo como propriedade, práticas corporais e pedagógicas que promovem o ‘cuidado do próprio corpo’ ou a recuperação de

⁹ Não referimos aqui ao conceito psicológico de intersubjetividade, pois o Outro não é sujeito.

uma dimensão afetivas das inter-relações no ensino, o ‘conhecimento e domínio do próprio corpo’, como por exemplo, as políticas de educação sexual e sua pretensão de administrá-lo.

Trata-se da consideração do afeto que o toma como uma coisa em si, sinal de um corpo também como coisa em si, presente em discursos que procuram voltar aos instintos primitivos, no acatamento de certa natureza, e que é contrário ao que Freud teoriza sobre a possibilidade de fazer parte de uma civilização. Sem essa passagem não há cultura.

Pelo contrário, abordar o que Lacan diz ‘*l’affect est une effet*’ (SOLER, 2011) introduz a possibilidade de reencontrarmos com o *corpolingüagem* (LEITE, 2003), e com isso a possibilidade de fazer referência ao estatuto do corpo em psicanálise e suas relações com a linguagem. Já não o afeto, da tradição psicológica e pós-freudiana, quanto descarga quantitativa de energia, insustentável a partir do inconsciente e do recalque, e então sempre deslocado e desviado em relação aos seus motivos aparentes, sem autonomia com relação do pensamento, da linguagem.

Pensar além da linguagem traz o risco dos empirismos, por um lado, em um uso da linguagem como instrumento da mera comunicação e por outro da existência de uma linguagem corporal fruto da expressividade natural do corpo sem palavras. Daí a asserção de Lacan segundo a qual é preciso não confiar a priori no fenômeno (LACAN, 1997), pois o simples fato de serem observáveis e descritíveis pouco e nada diz a respeito de uma intencionalidade primordial ou a sua causa. Não é possível o acesso direto do sujeito ao mundo, fora da linguagem, também não do corpo. É então pelo fato de o sujeito mergulhar em uma linguagem pré-existente que o corpo fala, mas somente porque é falado, é por isso é condição e efeito da política.

Referências

FOUCAULT, M. *Vigilar y castigar*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2002 [1975].

FREUD, S. Estudios sobre la histeria. In: STRACHEY, J. (Org.). *Sigmund Freud: obras completas*. Tomo II. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1991a.

_____. La represión. In: STRACHEY, J. (Org.). *Sigmund Freud: obras completas*. Tomo XIV. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1991b. p. 135-152.

_____. Lo inconsciente. In: STRACHEY, J. (Org.). *Sigmund Freud: obras completas*. Tomo XIV. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1991c. p. 153-201.

LACAN, J. *O seminário livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. *El Seminario libro 2. El yo en la teoría de Freud y en la técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, 1986 [1954-55].

_____. *El Seminario libro 1. Los escritos técnicos de Freud*. Buenos Aires: Paidós, 1995 [1953-54].

_____. *El Seminario libro 3. La Psicosis*. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1997 [1955-56].

_____. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução

- Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 [1966].
- _____. Radiofonía. In: LACAN, J. *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2001a [1970]. p. 425-471.
- _____. Televisión. In: LACAN, J. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2001b [1973]. p. 535-572.
- _____. *El Seminario libro 23. El sinthome*. Buenos Aires: Paidós, 2003 [1975-76].
- _____. *O seminário. A lógica do fantasma*. Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife, 2008 [1967].
- _____. *Seminário 10. La angustia* (versión crítica), establecimiento del texto, traducción y notas: Ricardo E. Rodríguez Ponte para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires, s/d [1962-63]. Disponível em: <<https://bit.ly/lacanterafreudiana>>. Acesso em: 24 jun. 2020.
- LAURENT, E. “*El inconsciente es la política, hoy*”. Publicado en francés en Lacan Quotidien n°518, 23/06/2015. Disponível em: <<http://www.psicosisinedito.com/2015/06/eric-laurent-el-inconsciente-es-la.html>>. Acesso em: 24 jun. 2020.
- LEITE, N. (Org.). *Corpolinguagem: gestos e afetos*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- MILNER, J-C. *Por una política de los seres hablantes: breve tratado político 2*. Buenos Aires: Grama Ed, 2013.
- PLON, M. Je suis, donc je doute. In : LEITE, N. (Org.). *Corpolinguagem: angústia, o afeto que não engana*. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 11-30.
- RODRÍGUEZ, R. ¿Qué quiere decir darle lugar al cuerpo en una política educativa? A propósito de unos equívocos acerca del materialismo. In: BEHARES, L.; RODRÍGUEZ, R. *VII Encuentro Internacional de Investigadores em Política Educativa*. Montevideo: Universidad de la República-AUGM, 2016. p. 207-213.
- SAFATLE, V. *Circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo, fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify, 2016.
- SOLER, C. *Los afectos lacanianos*. Buenos Aires: Letra Viva, 2011.